

UMA DAS novidades do ano foi a indústria relançar, de modo turbinado, uma campanha de abertura comercial. Isto é, de redução de impostos e outros obstáculos à importação de bens. Ou melhor, parte da indústria está interessada em acordos de livre-comércio. Outra, quer mais proteção. Um terceiro grupo diz que aceita negociar. Mas em que termos?

O Brasil (o Mercosul) voltou a discutir com mais interesse um acordo comercial com a União Europeia. Em tese, na mesa de negociação reapareceu um acordo para facilitar o comércio de automóveis e suas partes, autopeças.

Trata-se aparentemente da mesma proposta que era negociada em 2005 (aparentemente, pois a coisa não é aberta e menos ainda oficial).

Durante os primeiros oito anos de vigência do acordo, a União Europeia teria direito a exportar uma cota de 40 mil carros com tarifa zero

Carroças e o bonde que não anda

VINICIUS TORRES FREIRE

(menos que o Brasil importa hoje, em geral carros tidos aqui como de luxo). Daí em diante, o imposto de importação (35%) cairia paulatinamente por mais sete anos.

Não se sabe bem até onde pode ir a proposta brasileira, pois os europeus oferecem pouca abertura para produtos agrícolas, um mercado que os europeus fecham com barreiras diversas e subsídios vergonhosos. Mas o Brasil iria longe? É uma conversa para europeu ver?

O acordo de livre-comércio de carros com a Argentina deveria ter começado em 1990. Não vingou e foi reformado por 38 "protocolos adicionais", o último deles vencendo em

Tentativa de abrir o comércio com Argentina fez 23 anos; negociação com União Europeia vai debutar

na metade do ano que vem. Em suma, o acordo automotivo é um acordo para que montadoras gerenciem suas fábricas no continente e as malquizes dos governos locais, especialmente as argentinas.

O debate sobre um acordo geral entre Mercosul e União Europeia começou em 1999. As primeiras propostas foram trocadas em 2001. Em 2004, foi tudo à breca. Desde então, há fracassos periódicos, como em

2005, 2006 e 2007. Se tudo der certo e sair um acordo em 2014, o mercado brasileiro estaria aberto para carros da União Europeia em 2029.

Não se trata aqui e pelo menos agora defender (ou não) abrir o mercado de carros (e de autopeças). Mas de saber do que estamos falando.

No ano passado, Dilma Rousseff lançou o programa Inovar-Auto, um plano de incentivos (reduções de impostos) ao aumento de eficiência e inovação tecnológica na indústria automotiva. Vai até o final de 2016.

Trata-se de uma preparação para uma abertura maior do mercado ou de um modo de modernizar e/ou melhorar os nossos carrinhos?

Quer dizer, na falta do incentivo econômico da competição externa (que não viria, afinal de contas), o governo pretenderia melhorar a qualidade do trabalho das montadoras com política industrial?

Uma boa política comercial deveria: 1) Ter um plano de abertura cauteloso, mas progressivo de fato, que não criasse desordem econômica e social por meio de um tsunami súbito de importações; 2) Mas uma política comercial que não se limitasse a barganha de fundo mercantilista, que servisse de incentivo ao aumento de produtividade e melhoria tecnológica (o que não é certo que ocorra, apesar da ladainha mercadista).

No ritmo e na confusão em que vamos, até mesmo com nossa velha parceira argentina, não vamos chegar a lugar nenhum.

vint@uol.com.br

TUDO SOBRE BELO MONTE

Eólicas preveem 'uma Belo Monte' até 2017

Apesar de atraso em operações, setor projeta investimento de R\$ 27 bilhões, valor próximo ao da usina no Pará

Depois de mudança de regra em leilões do governo, volume negociado de energia neste ano bate recorde

RENATA MOURA

COLABORAÇÃO PARA A FOLHA, EM NATAL

Os investidores do setor de energia eólica encerram o ano com contratação recorde em leilões do governo e projeção de aplicar R\$ 27 bilhões no Brasil até 2017.

O valor se aproxima do orçamento da usina de Belo

Monte, que deverá ser a terceira maior hidrelétrica do mundo, erguida ao custo de R\$ 30 bilhões no Pará.

No caso das eólicas, a maior parte dos investimentos está no Nordeste, com quase 80% das usinas e da potência total da "energia dos ventos".

É também nessa região que investidores ainda esperam por linhas de transmissão que a estatal Chesf (Companhia Hidroelétrica do São Francisco) deveria ter entregue há mais de um ano.

O atraso mantém 48 parques eólicos parados no país, que representam 37% da po-

tência instalada no Brasil. O número dobrou desde o início do ano. Em operação, esses parques poderiam iluminar 2 milhões de casas, diz a ABEEólica (Associação Brasileira de Energia Eólica).

O problema, contudo, "está ficando no passado", diz Élbis Melo, presidente da associação. Ela estima que grande parte desses empreendimentos entre em operação até março de 2014.

A confiança é movida pela mudança nas regras dos leilões que passou a exigir garantia de conexão dos parques às redes de transmissão.

Segundo a Aneel (Agência Nacional de Energia Elétrica), a exigência se deu "em grande medida" em razão dos atrasos da Chesf. Procurada, a Chesf não respondeu até a conclusão desta edição.

"O governo percebeu que o modelo de planejamento de transmissão estava equivocado e o refez. Antes, se fazia o leilão de geração e depois o da linha de transmissão. Isso começou a atrasar os parques", diz Melo.

Pela nova regra, o parque eólico deve ter uma linha de transmissão prevista já no leilão, e o prazo de implantação

deve coincidir com a entrada do parque em operação.

No Rio Grande do Norte, por exemplo, o governo pediu ao Ministério de Minas e Energia que realize no primeiro trimestre de 2014 um leilão de novas linhas para atender aos parques do Estado.

O Estado é o maior polo de atração de investimentos em energia eólica no país, seguido pela Bahia.

No último leilão, na semana passada, foram contratados 2,3 GW de energia eólica, elevando para 4,7 GW o volume negociado em 2013 — um recorde do setor. Até então, o

maior patamar alcançado havia sido 2,9 GW, em 2011.

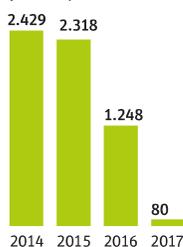
"Isso confirma a força da fonte eólica e do Nordeste como novo 'powerhouse' [casa de energia] para o país", diz o presidente do sindicato potiguar das empresas de energia, Jean-Paul Prates.

O Ministério de Minas e Energia confirmou dois novos leilões para o primeiro semestre de 2014. Segundo Élbis Melo, da ABEEólica, energia para vender e interesse dos investidores não deverão faltar. "O setor está crescendo e tem o sinal de investimento adequado", diz.

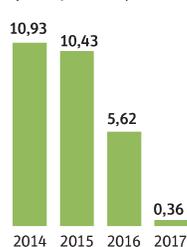
ENERGIA EÓLICA EM NÚMEROS

Setor diz que problema de transmissão está sendo superado

Previsão de potência acrescida (em MW)



Previsão de investimentos (em R\$ bilhões)



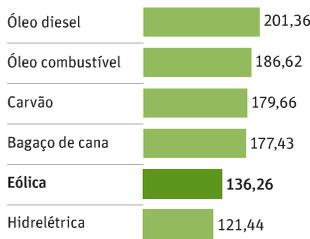
48

é o número de parques eólicos aptos a funcionar no país, mas parados por falta de linhas de transmissão

366 GWh por mês

é quanto esses parques poderiam gerar juntos de energia, suficiente para abastecer 2 milhões de casas

Preço médio* das fontes de energia até out.2013 (em R\$ por MWh)



R\$ 5,7 bilhões

é quanto foi investido nos 48 parques eólicos parados

1.269,6 MW

é a potência desses parques, localizados na BA e no RN

Contratação de energia eólica nos leilões federais, por Estado** (2009-2013)

Estado	Energia contratada (em MW)
RN	3.318,3
BA	3.245,2
RS	1.723,8
CE	1.762,9
MA	903,6
PE	509,7
PI	259,2
SE	30

Fontes: Associação Brasileira de Energia Eólica, Câmara de Comercialização de Energia Elétrica, Cerne (Centro de Estratégias em Recursos Naturais e Energia) e Jean-Paul Prates

* Valores nominais

** Não considera Proinfla (antes de 2003)

Game "Folhacóptero" explica o projeto da usina no Pará

ALEXANDRE ORRICO

DE SÃO PAULO

Como parte de uma reportagem e site sobre a construção da usina de Belo Monte, no Pará, a **Folha** lançou um game que ajuda a entender o maior projeto de infraestrutura do Brasil.

No "Folhacóptero" especial, o leitor consegue sobrevoar a área em que está sendo erguida a terceira maior hidrelétrica do mundo.

Enquanto passeia, o piloto recebe informações relevantes sobre a obra. O game pode ser jogado pelo navegador por comandos no teclado ou baixado por aplicativos para celulares e tablets com Android e iOS, em que os comandos são feitos por um botão à direita das telas sensíveis ao toque.

Simon Ducroquet, infografista da **Folha** e desenvolvedor do game, estudou plantas do projeto de Belo Monte e filmagens aéreas para fazer o ambiente do jogo.

"Quem voar com o Folhacóptero vai ter uma noção real do relevo da área." Fo-

ram necessários cerca de dois meses para a programação e o design serem finalizados.

Uma vez no game, é possível jogar em dois modos diferentes. O primeiro é em piloto automático, que funciona como uma visita guiada. O segundo é em condução livre, em que o jogador escolhe o próprio caminho.

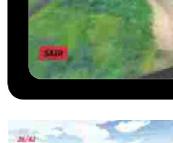
"O jogo pode ser uma porta de entrada simples para o assunto de Belo Monte, que é bastante complexo", diz Ducroquet. No site do projeto (folha.com/belomonte), o leitor encontra ainda uma série de textos, fotos e vídeos.

Durante o voo, os pilotos virtuais podem entender melhor o funcionamento da usina e visualizar, em infográficos, a área que será impactada pela obra e pelo desvio das águas do rio Xingu. Anéis vermelhos espalhados pelo ar — que valem pontos quando coletados — dão dicas e dados sobre o projeto.

O "Folhacóptero" é gratuito e pode ser baixado na App Store e no Google Play ou acessado pelo navegador no endereço bit.ly/folhacoptero.

PILOTE O FOLHACÓPTERO

Aplicativo permite para explorar a usina de Belo Monte



SISTEMA Android e iOS (também acessível pelo navegador)

ONDE bit.ly/folhacoptero

QUANTO Gratuito

CONTROLE O jogador pode pilotar, em modo livre ou automático, o Folhacóptero e sobrevoar a área de construção da usina

PONTOS Coleta de anéis vermelhos vale pontos e dicas sobre como a usina funciona e quais são seus impactos

Evento em SP debate impactos da obra no país

DE SÃO PAULO

A **Folha** realiza amanhã um debate sobre a usina de Belo Monte e seu impacto no país.

Participarão o professor Wilson Cabral, do ITA (Instituto Tecnológico de Aeronáutica), André Villas-Bôas, secretário-executivo do ISA (Instituto Socioambiental), Antônio Kelson Elias Filho, diretor de Construção da Norte Energia, e Luiz Pinguelli Rosa, diretor da Coppe/UFRJ (instituto de pós-graduação e pesquisa de engenharia da Universidade Federal do Rio de Janeiro).

O evento ocorre às 19h (horário de Brasília), no auditório da **Folha** (al. Barão de Limeira, 425, 9º andar, São Paulo). Interessados devem se inscrever, gratuitamente, pelo e-mail eventofolha@grupofolha.com.br, informando nome e RG, ou ainda pelo telefone 0/xx/11/3224-3473.

F NA INTERNET

Mais Folha na web

A VOLTA DO SUPERAVIT

Com o saldo de US\$ 383 milhões na segunda semana do mês, a balança comercial passou a ter superavit de US\$ 15 milhões no acumulado do ano. Essa é a segunda vez em 2013 que a balança apresenta saldo positivo

» folha.com/no1386509

ESTREIA DA VIA VAREJO

As ações da Via Varejo, varejista dona da Casas Bahia e Ponto Frio, tiveram ontem sua estreia na Bolsa. Os papéis, que não fazem parte do Ibovespa, tiveram subidas de 8,26%, para R\$ 24,90

» folha.com/no1386446

LULU

A partir de agora, apenas homens que se cadastrarem no Lulu poderão ser avaliados pelas mulheres, anunciou Deborah Singer, diretora de marketing mundial do serviço. Antes, virtualmente qualquer usuário do sexo masculino com conta no Facebook constava no app e precisava pedir para ser excluído se assim quisesse

» folha.com/no1386251